



**UNILASALLE**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



ROSIÉLEN KUHN KUNSLER

**ANÁLISE DO OLHAR FEMININO EM *DOM CASMURRO*:  
UM OLHAR SOBRE CAPITU**

CANOAS, 2009

**ROSIÉLEN KUHN KUNSLER**

**ANÁLISE DO OLHAR FEMININO EM *DOM CASMURRO*:  
UM OLHAR SOBRE CAPITU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a banca examinadora do Curso de Letras do UNILASALLE, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Ms. Lúcia Regina Lucas da Rosa.

**CANOAS, 2009**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ROSIÉLEN KUHN KUNSLER

### **ANÁLISE DO OLHAR FEMININO EM *DOM CASMURRO*: UM OLHAR SOBRE CAPITU**

Trabalho de Conclusão aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura do Curso de Letras do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE.

Prof. Ms. Lúcia Regina Lucas da Rosa – Orientadora  
Centro Universitário La Salle - UNILASALLE

Canoas, dezembro de 2009.

*Existem três coisas que os homens podem fazer  
com as mulheres: amá-las, sofrer por elas, ou  
torná-las literatura.*

(Stephen Stills – músico e  
compositor norte-americano)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado forças para alcançar o objetivo dessa jornada.

Aos meus pais, por toda dedicação, compreensão nos períodos de ausência, em que minha presença se fazia necessária.

A minha irmã, pela cumplicidade e auxílio nas horas necessárias.

A professora Lúcia Regina Lucas da Rosa, coordenadora do curso de Letras e minha orientadora, pela orientação e paciência, a mim dedicadas.

A todos os colegas, pela amizade e companheirismo e a todos os professores pela amizade e a sábia companhia ao longo desse caminho.

## RESUMO

As personagens femininas de Machado de Assis diferenciam-se das demais, sejam elas românticas ou realistas, pois são fortes, astutas, corajosas, algumas vezes dotadas de sentimentos complexos como egoísmo, vaidade e dissimulação. Este trabalho tem como objetivos analisar e refletir sobre a diferença entre o “ver” e o “olhar” na literatura. Dessa forma, pretende-se analisar o significado de cada um, para que então possamos penetrar no “olhar”, no mundo íntimo daquela que fora a criação de um dos maiores escritores da literatura brasileira, a personagem Capitu. E, para que possamos conhecê-la melhor, passaremos a investigar os “olhares” de autores e críticos conhecidos, além dos personagens da trama da obra *Dom Casmurro*. Ao observarmos e analisarmos Capitu em relação aos outros personagens, notaremos que ela se diferencia das demais, por ter características únicas, como a sua maneira de lidar com as situações.

**Palavras-chaves: Capitu, olhar, Machado de Assis, Dom Casmurro.**

## ABSTRACT

The female characters of Machado de Assis are different from the others, whether romantic or realistic, because they are strong, clever, brave, sometimes endowed with complex feelings such as selfishness, vanity and deception. This paper aims to analyze and reflect on the difference between "seeing" and "viewing" in the literature. Thus, the meaning of each one will be analyzed, so we can penetrate in the "view", the intimate world of that who was the creation of one of the greatest writers of Brazilian literature, the character Capitu. And for us to know her better, we will investigate the "views" of known authors and critics, and the characters in *Dom Casmurro*. By observing and analyzing Capitu in relation to other characters, we will note that she differs from other, having unique characteristics, such as her way of coping with situations.

**Keywords: Capitu, viewing, Machado de Assis, Dom Casmurro**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 CONHECENDO O MUNDO MACHADIANO</b> .....	10
2.1 Vida e obra de Machado de Assis .....	10
2.2 As obras machadianas .....	12
2.3 Características das personagens femininas.....	14
<b>3 UM OLHAR SOBRE CAPITU</b> .....	17
3.1 Um olhar sobre a obra Dom Casmurro.....	17
3.2 Conhecendo Capitu.....	21
3.3 Um conceito sobre o olhar em Capitu .....	23
3.4 O olhar de Capitu perante os personagens da história .....	28
<b>4 COMPARANDO AS PERSONAGENS CAPITU E VIRGÍLIA</b> .....	36
4.1 Quem é Virgília? .....	36
4.2 Virgília x Capitu .....	39
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

Ao publicar *Dom Casmurro*, Machado de Assis reafirmou a maturidade e a evolução criadora que já havia apresentado na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), ao propor um narrador e uma forma de contar que viriam a possibilitar importantes avanços nas formas narrativas e problematizar questões da sociedade, além de originar novos rumos na literatura do Brasil e de obter reconhecimento mundial.

Capitu é uma personagem do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Penetrou no imaginário coletivo como tipo feminino, justificando estudos psicológicos e literários, o qual se encaixa neste trabalho de conclusão.

Da junção da narração, da ação dos personagens e do silêncio do texto narrativo de Machado de Assis, surgiu uma mulher fascinante que se tornou objeto de uma paixão masculina avassaladora e centro de uma das questões mais intrigantes dos romances brasileiros: a paixão de Bento Santiago.

Mais de cem anos após a publicação de *Dom Casmurro*, depois muito ter se discutido, principalmente pelos comportamentos dos personagens a pergunta persiste: Capitu traiu ou não Bentinho?

Acerca da figura de Capitu, sua personalidade e principalmente por conta de um texto que envolve uma narração conduzida por um narrador-personagem ressentido cheio de mágoas, seu marido Bentinho, um viúvo que começa a escrever para “atar as duas pontas da vida”, é possível afirmar que Capitu é enigmática: seu perfil não tem centro, nem verdade.

Este trabalho consiste em três finalidades: a primeira nos convida a refletirmos sobre a questão do “olhar”. Dessa forma, pretende-se apresentar as diferenças entre “o ver” e “o olhar”. A segunda nos convida a lançarmos um olhar sobre Capitu.

Diante dessas duas etapas propostas, a metodologia deste trabalho consistiu na análise comparativa do romance *Dom Casmurro*, publicado em 1900. A realização deste estudo, cujo objeto de estudo foi a personagem Capitu, foi formada de uma etapa de pesquisa, na qual foi realizado um levantamento bibliográfico de textos de teoria crítica que tratassem das obras machadianas. A segunda etapa compreendeu um detalhamento mais aprofundado do objeto da pesquisa, resultando em uma síntese do romance e uma abordagem dos capítulos com ideias principais e informações importantes, de acordo com a visão de outros personagens da obra e também relacionados com o objeto de estudo. Somente a partir de tal etapa é que foi possível realizar uma análise mais consistente da personagem Capitu.

Lançaremos um olhar para a “obra prima machadiana” sob as teorias de críticos como Alfredo Bosi, Lúcia Miguel Pereira, Ingrid Stein, Francisco Pati, entre outros.

A terceira etapa do trabalho consistiu em comparar a personagem Capitu à outra grande figura da literatura realista do autor: Virgília, da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Conforme já informado, a pesquisa foi baseada em fundamentações teóricas dos críticos mencionados e também em uma entrevista retirada da internet, além das obras machadianas que nos levaram a reflexão teórica e a análise e comparação da personagem Capitu.

## **2 CONHECENDO O MUNDO MACHADIANO**

Este capítulo nos faz um convite a conhecermos e penetrarmos na vida e obra daquele que fora um dos maiores gênios de nossa literatura: Joaquim Maria Machado de Assis ou simplesmente Machado de Assis.

Machado marcou nossa literatura não só apenas por suas maravilhosas obras, nas quais geravam polêmicas e emoções, mas também presenteou-nos com personagens que sempre levaremos em nossas memórias, como, por exemplo: quem de nós não se lembra do ciumento Bentinho, do filósofo Quincas Borba, das interesseiras Sofia e Virgília, da misteriosa Capitu e até mesmo do defunto Brás Cubas?

Esta breve monografia, cujo objetivo é lançarmos um olhar sobre Capitu, conforme destacado anteriormente, nos dará a oportunidade de também lançarmos um olhar para a vida e obra de Machado de Assis.

Esse primeiro capítulo será subdividido em três partes: primeiramente conheceremos um pouco da biografia de Machado de Assis e obras e o terceiro subcapítulo nos convidará a conhecer determinadas características presentes em algumas de suas personagens femininas.

### **2.1 Vida e obra de Machado de Assis**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de janeiro de 1839. Filho de Francisco José de Assis (brasileiro, mulato e pintor de paredes) e

Maria Leopoldina Machado de Assis (lavadeira portuguesa), viveu uma infância pobre e com algumas complicações em sua saúde (epilepsia e gagueira).

Machadinho, como era conhecido, perdeu sua mãe cedo e seu pai casou-se novamente com D. Maria Inês, que dedicou toda sua atenção ao menino e o matriculou em uma escola pública, a única que nosso mestre frequentou, no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro. Lá, Machado viveu parte de sua infância e aos domingos frequentou e ajudou como coroinha nas missas na igreja da Lamosa.

Com a morte de seu pai, ele e a madrasta conseguiram emprego em uma escola do bairro, como vendedores de doces. Mesmo sem frequentar aulas regulares, Machado empenhou-se em aprender. Conheceu uma senhora francesa, dona de uma confeitaria, que lhe ensinou suas primeiras lições de francês e ainda contava com o apoio de sua madrinha D. Maria José de Mendonça Barreto, viúva de Bento Barroso (senador do Império) e proprietária de Quintana do Livramento, fazenda que seus pais foram agregados antes de seu nascimento.

Aos 16 anos, publicou seu primeiro poema *Ela* na revista Marmota Fluminense de Francisco de Paula de Brito. Aos 17 anos, conseguiu emprego como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu Manuel Antonio de Almeida, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*, que apadrinou o jovem autor.

Em 1858, Machado voltou à livraria Paula de Brito como revisor e, ao mesmo tempo, tornou-se colaborador de jornais da época, onde fez grandes amizades, como Joaquim Manuel de Macedo (autor de *A Moreninha*), José de Alencar (*Senhora*, *Iracema*) e Gonçalves Dias (*Canção do Exílio*).

Em 1860, a convite de seu amigo Quintino Bocaiúva, passou a fazer parte da redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, além de escrever para a revista *Espelho* (onde era crítico teatral) e fazer contribuições para a *Semana Ilustrada* e o *Jornal das Famílias*.

Em 1861, teve sua estreia como tradutor em *Quedas que as mulheres têm pelos tolos* e, no ano seguinte, nosso jovem escritor tornou-se censor teatral, onde não ganhava muito, mas teve livre acesso ao mundo cênico. Nessa mesma época, passou a colaborar em *O Futuro*, órgão que funcionava sob a direção do amigo e irmão de sua futura noiva, Faustino Xavier de Novais. Em 1864, lançou seu primeiro livro de poesias *Crisálidas*.

O ano de 1869 foi marcado por dois fatos na vida do autor: a morte de seu amigo Faustino e seu casamento com Carolina Augusta Xavier de Novais realizado em 12 de Novembro deste mesmo ano, três meses após a morte de seu amigo.

Apesar de um matrimônio sem filhos, Machado e Carolina foram felizes em um casamento que durou 35 anos. Nessa fase, o autor, além de desfrutar de uma bela vida amorosa, possuía um bom cargo político. Em 1897, Machado foi eleito presidente da recém fundada Academia de Letras, onde realizou seu grande sonho: reunir escritores da época num clube literário fechado.

Com a morte de Carolina em 1904, a vida do autor se tornou melancólica e, em homenagem a sua amada, escreveu um poema dedicado a ela. A perda de sua esposa e a saúde abalada contribuíram para o seu isolamento. Machado de Assis faleceu em 29 de setembro de 1908, na sua casa.

## **2.2 As obras machadianas**

As obras machadianas são mundialmente conhecidas devido aos seus temas e, sobretudo aos seus personagens, que, desde a era romântica, eram considerados “avançados” para seu tempo.

Podemos dividir as obras de Machado de Assis em duas fases: a primeira fase romântica, em que encontramos características predominantes herdadas da escola como: o amor platônico, a ingenuidade e a fé. Dessa época encontramos as obras *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). A segunda fase é a realista, mas conhecida como “fase do amadurecimento”. Dessa fase surgiram temas e personagens fortes com características marcantes como o pessimismo, o egoísmo, a hipocrisia, a ironia, a vaidade, a ambição pelo dinheiro e até mesmo temas polêmicos como o adultério, presente na obra *Dom Casmurro*.

A fase realista marcada por Machado de Assis tem início com a obra *Memórias póstumas de Brás de Cubas* (1881), a qual foi considerada uma revolução na fase realista. A obra é narrada por seu protagonista, já falecido, e por não fazer mais

parte dessa existência, é absolvido de todos seus pecados, podendo assim narrar sua história livremente.

Além de *Memórias Póstumas*, outras obras contribuíram para a fase Machadiana realista como *Quincas Borba* (1899), narrada em terceira pessoa. Essa obra nos conta a história de Rubião, um humilde professor mineiro que se torna discípulo de Quincas Borba. Antes de morrer, Quincas Borba, transfere toda sua fortuna para seu discípulo e para seu cão que também se chamava Quincas Borba. Rubião torna-se um homem rico e vai viver com o cão no Rio de Janeiro, onde, movido por uma paixão, perde tudo, acabando na sarjeta e na loucura.

Outras obras que mereceram destaque no contexto realista machadiano foram: *Isau e Jacó* (1904), *Memorial do Aires* (1908) e uma das mais famosas e polêmicas obras do mundo literário machadiano, *Dom Casmurro*, publicada em 1900.

O casamento e seus deslizes aparecem em vários romances e contos de Machado, revelando o dom desse grande autor para essa instituição tão problemática quanto detentora das esperanças de homens e mulheres. É em *Dom Casmurro* que a temática do adultério feminino aparece aqui não mais como o registro pela voz daqueles que traem ou pela consciência do leitor, que pode acreditar, ou não, na traição: em *Dom Casmurro* é o marido supostamente traído que empreende o registro de suas memórias para comprovar para si mesmo e ao leitor a veracidade do adultério da mulher.

*Dom Casmurro* é uma obra narrada em primeira pessoa, ou seja, pelo próprio protagonista, Bento de Albuquerque Santiago, mais conhecido como Bentinho. Bentinho narra o seu nascimento, a promessa feita por sua mãe, momentos da sua infância ao lado de Capitu, sua passagem pelo convento, onde conhecera Escobar, seu grande amigo. Também narra o seu casamento com Capitu, o nascimento do seu filho, a morte do seu amigo e o ciúme doentio pela esposa, que o leva a desconfiar de uma suposta traição de Capitu com seu melhor amigo, resultando, como consequência, na separação do casal e alguns anos depois na morte da esposa e mais tarde na morte do único filho.

Apesar de a obra apontar alguns indícios que levariam ao suposto adultério, nada foi comprovado e ainda hoje o mistério permanece.

Além das obras românticas e realistas, Machado de Assis escreveu vários contos, como os *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da meia noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1872), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias velhas* (1906), além da produção teatral, constituída pelas obras: *Quedas que as mulheres têm* (1861), *O caminho da porta* (1862), *O protocolo* (1862), entre outras.

Enfim, a obra machadiana é reconhecida em todo mundo com diversas adaptações para o teatro, cinema e televisão.

### **2.3 Características das personagens femininas**

Além dos temas polêmicos e instigantes, outra característica presente nos romances machadianos é o universo feminino, tanto na fase romântica quanto na fase realista.

As mulheres machadianas são mulheres ambiciosas, determinadas, que lutam por uma melhor posição social, inclusive as da fase romântica, que, embora sejam determinadas, não perdem a doçura, a religiosidade e o sonho com um grande amor. Enfim. Sonham com uma sociedade perfeita, como a personagem Guiomar, da obra *A Mão a e Luva e Iaiá Garcia*, do livro cujo título se refere a personagem principal.

Na segunda fase, encontramos personagens femininas tão relevantes que chegam, muitas vezes, a concentrar toda a atenção do narrador sobre elas. Falamos especialmente de Virgínia, Sofia e Capitu. É nessa fase realista que as personagens são vistas como pessoas cheias de sentimentos contraditórios e complexos, como qualquer outra pessoa. Nesse contexto encontramos a vaidosa Sofia, a hipócrita e gananciosa Virgília e a misteriosa dissimulada Capitu.

A professora titular de Teoria Literária, Marisa Lajolo (1980), do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, relatou que Machado procurou atribuir às suas personagens nomes bem sugestivos: Capitu, sugerindo a ideia de capitã, comandante; Sofia, sugerindo a ideia de sabedoria; Iaiá, tendo a ideia de patroa.

Alfredo Bosi em entrevista dada a revista TV Escola (2009), nos define as personagens realistas femininas como mulheres que possuem status mais elevados e com casamentos sólidos, construídos apenas na base do interesse sem qualquer tipo de emoção, buscando então essas emoções fora do casamento e tendo como conseqüência o adultério. Como exemplo ele destaca a ambiciosa Virgília, que renuncia seu amor por Brás Cubas em nome de um casamento de fachada com Lobo Neves. Já Sofia, de *Quincas Borba*, aproveita-se do ingênuo Rubião para satisfazer seus caprichos.

Em relação a Capitu, uma das personagens mais famosas e misteriosas, presentes na obra machadiana, Bosi a define como uma mulher esperta, dissimulada e ao mesmo tempo sensual, que demonstra seu apelo sexual desde a adolescência.

Segundo o autor:

Capitu é o grande mistério, nós não sabemos o que ela fez, alguns dizem até que sabem. Eu invejo as pessoas que têm certeza do que ela fez, mas eu não sei. Machado nos contou com tanta minúcia, então a gente sempre naquela suspensão de acusação, que é realmente o ponto alto do drama de Bentinho. (BOSI, 2009, p.4).

Maria Lucia Rangel, em matéria publicada a *Revista Literatura Brasileira*, em 2000, nos faz uma breve abordagem sobre as personagens femininas machadianas românticas e realistas. Ela nos convida a passear pelas escolas literárias.

Primeiramente, a escola romântica apresenta valores como amor à natureza, a idealização de um amor perfeito, superando alguns limites, a religiosidade e a nobreza de caráter. As heroínas eram defendidas por toda uma sociedade. Como exemplo, a autora destaca a obra *A Moreninha*, marco no Romantismo e escrita em 1844, por Joaquim Manuel de Macedo.

Com o passar do tempo, o Romantismo foi perdendo seu brilho. Devido aos determinados exageros sentimentais, Machado de Assis, ao escrever *Ressurreição* em 1872, nos mostra uma protagonista forte, determinada objetiva, mas que não deixa de apresentar as características românticas da fase, lançando assim um novo olhar para a escola romântica.

Além de Lívia em *Ressurreição*, temos Iaiá Garcia e Estela de *Iaiá Garcia*, Guiomar de *a Mão e a Luva* e a jovem Helena da obra *Helena*.

Segundo a autora, as personagens masculinas revelam ter fortíssimo caráter e não medem esforços para alcançarem seus objetivos, como a Virgília de *Memórias Póstumas*, que ultrapassa todos seus limites em nome de um casamento de poses, ficando dividida entre o casamento e um amor impossível. Sofia da obra *Quincas Borba*, definida pela autora como uma mulher “coquete” e aliada aos interesses do marido.

Além de Sofia e Virgília destacam-se nessa a fase Fidélia, de *Memorial do Aires* e Capitu, que, segundo a autora pode ser vista como uma mulher misteriosa, sensual, dissimulada e sutil.

A biógrafa de Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira, em sua obra *Prosa de Ficção - de 1870 a 1920*, nos mostra que nosso grande mestre foi influenciado por grandes escritores como: Shakeaspeareare, Swift, Sterne, Thackeray, Dickens, Chateaubriand, Feinmore, Cooper, Almeida Garret, José de Alencar, Aluizio de Azevedo e Victor Hugo.

Segundo a autora, Machado de Assis procurou colocar em suas mulheres não apenas o superficial, mas os segredos, desejos, vontades que cada personagem possuía em seu íntimo, como nos cita:

Por isso é que Machado de Assis se pode chamar de realista. Sem preocupação de escola literária desde que se libertou do romantismo do romantismo, ele observou como ninguém entre nós, as criaturas em toda a sua realidade, dando a cada aspecto o, justo valor, isto e apreciando a todos um caráter relativo. (PEREIRA, 1988, p.76).

Como podemos observar no decorrer deste capítulo Joaquim Maria Machado de Assis, filho de um simples pintor de paredes e de uma lavadeira, transformou-se no grande escritor, tradutor e teatrólogo.

Suas obras conquistaram o mundo devido aos seus assuntos polêmicos e principalmente por seus personagens que não são conhecidos por sua beleza, mas pela busca de seu interior. Seus sentimentos, desejos e realizações mais profundas, sobretudo no universo feminino.

### **3 UM OLHAR SOBRE CAPITU**

Este capítulo é dedicado a uma das grandes e talvez a mais importante personagem feminina de nossa literatura: Capitolina Pádua ou simplesmente Capitu.

Considerada avançada para sua época, mostrou-se corajosa e nobre ao ser acusada pelo marido de cometer adultério com o melhor amigo dele. Misteriosa, dissimulada e ao mesmo tempo sedutora, Capitu, ao ser acusada de manter um caso, mantém o silêncio, comportando-se de forma digna, aumentando assim o mistério, que permanece o mesmo até os dias de hoje.

Esse capítulo nos convida a lançarmos um olhar sobre essa personagem tão polêmica e ao mesmo tempo tão cativante que soube conduzir a história chegando a superar o próprio personagem.

O capítulo será dividido em quatro subcapítulos. Primeiramente lançaremos um olhar sobre a história, após observarmos a personagem para conhecê-la melhor e após, estudaremos a personagem na visão de alguns críticos Alfredo Bosi, Lúcia Miguel Pereira, Francisco Pati, entre outros.

O último subcapítulo se dedica a descrever a personagem sob os “olhares” dos outros personagens da trama.

#### **3.1 Um olhar sobre a obra Dom Casmurro**

*Dom Casmurro* é obra machadiana realista, publicada em 1900 e que relata a história do “ciumento” Bentinho e da “dissimulada” e “sensual” Capitu.

*Dom Casmurro* é uma narrativa constituída por 148 capítulos. É o personagem Bento Santiago que conta a história da sua vida, a partir de três diferentes momentos: o presente, quando está viúvo e decide escrever um livro para unir as duas pontas de sua vida; o passado em que lembra sua infância e que descreve a descoberta do amor por sua amiga Capitu e a fase posterior a essa, quando Bentinho e Capitu se casam e depois ele começa com suas incertezas sobre a fidelidade de sua amada esposa.

Para que possamos estender um olhar sobre a personagem, precisamos conhecer a história.

Bento de Albuquerque Santiago encontra-se na idade dos 55 anos, viúvo e vivendo sozinho em uma casa no bairro do Engenho Novo, no Rio de Janeiro. É nessa fase de sua vida que lhe ocorre a ideia de escrever um livro. O narrador explica logo no começo no primeiro capítulo, que o título do livro que escreve, *Dom Casmurro*, é decorrência do apelido que lhe deu um mau poeta ofendido com o desinteresse de Bento por seus versos – como o apelido pegou, Bento resolveu usá-lo também no livro. Trata-se, claro, de uma auto-ironia, pois *casmurro* significa alguém calado, de pouca conversa, teimoso, obstinado. Vejamos agora como o narrador explica o interesse por escrever um livro:

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão. Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. [...] Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa. O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. (ASSIS, 1997, p. 8).

A solidão do narrador é algo que marca o discurso, mas sua linguagem é contida, não há auto-piedade em nenhum momento e ele não se lamenta de forma aberta, apenas constata a própria solidão, como se fizesse isso com um certo distanciamento emocional.

Bentinho, foi criado com dedicação por D. Glória, sua mãe, juntamente com seus tios Cosme e Justina, além de José Dias, agregado de confiança da casa. Bento ficou, desde muito pequeno, aos dois anos de idade, órfão de pai, tendo sido o filho único criado por sua jovem e bela mãe, D. Glória, que havia feito promessa para que o menino, quando crescesse, passasse o resto de seus dias sob a batina da madre Igreja Católica. Por isso, Bentinho já teve uma infância diferente.

Viúva, D. Glória tinha horror de afastar-se do filho e, não poucas vezes, Bento pegava-a olhando-o fixamente e ardorosamente. Veja-se que o menino ao carecer da figura paterna e, portanto, masculina, encontra-se subjugado a duas figuras femininas: à mãe e à Igreja. Uma o possui integralmente no presente, enquanto a outra, o terá no futuro e perpetuamente.

As referências masculinas de Bentinho foram o seu tio Cosme e o agregado José Dias, um charlatão. Este domínio feminino enfraquece a segurança de Bentinho em relação à sua própria masculinidade, semeia a crença interna de que nunca será suficientemente homem para assumir uma mulher.

Bentinho desde cedo e prometido ao sacerdócio, devido a uma promessa de sua mãe feita em seu nascimento, porém o jovem demonstra interesse o por Capitu, de nome Capitolina, sua vizinha e amiga de infância que não simpatiza com a ideia do seminário, mas o rapaz vai para o seminário contrariado.

Capitu tenta convencer D. Glória de que Bentinho não nascera para ser padre, mas de nada adianta. Ela tentou visitar seu amigo no seminário novamente, mas foi em vão. Tanto Capitu como D. Glória sofriam com a separação, porém graças a Intervenção de José Dias, Bentinho abandona o seminário e em seu lugar ordena-se padre um escravo.

Passam-se os anos e cresce o amor de Capitu e Bentinho. Entre a fase namoro e casamento, o jovem forma-se em Direito e estreita sua amizade com Escobar, seu grande amigo de seminário, que acaba casando-se com Sancha, melhor amiga de Capitu, criando assim um vínculo forte entre os dois casais.

Da união de Bentinho e Capitu nasce o pequeno Ezequiel e do relacionamento de Escobar e Sancha, surge a pequena Capituzinha, uma menina esperta e curiosa, batizada com esse nome em homenagem a amiga de sua mãe.

O casal de amigos uma marca uma viagem à Europa juntos, porém Escobar morre afogado e, durante o enterro, Bentinho estranha a reação de Capitu, que despertou a atenção dele. A maneira como ela olhara para o defunto, dava a impressão de que sua dor parecia ser superior a da dor sentida pela viúva de Escobar, Sancha.

À medida que seu filho crescia, Bentinho o achava cada vez mais parecido com seu finado amigo. Ele chega a planejar o assassinato de sua esposa, seguido de seu suicídio, mas falta-lhe coragem. Após a ideia “absurda”, para manter as aparências, Bentinho planeja uma viagem a suíça, deixando lá Capitu e o seu filho.

Algum tempo depois, passando por algumas dificuldades, Capitu morre. Anos depois, Ezequiel, já moço, vem visitar seu pai e ele nota que o filho é o amigo.

Ezequiel morre algum tempo depois no estrangeiro. Bentinho, agora mergulhado em sua loucura, cada vez mais fechado em suas dúvidas, passa a escrever e contar sua história e ganha o apelido de amigos e vizinhos de Dom Casmurro.

Ao decorrer do livro, o leitor se depara com a abordagem dos variados temas universais existentes em *Dom Casmurro*, dentre os quais se encontra o adultério. Sabe-se que, além da obra portuguesa *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, o romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert possuía a traição conjugal como fio condutor de suas respectivas tramas. Contudo, compreende-se que as considerações feitas por Gilberto Pinheiro Passos (1996, p.13) nos mostram que *Dom Casmurro* não relacionou o tema do adultério para se assemelhar as obras européias, mas sim para abordar a traição como levantamento social que aponta o enfado da mulher burguesa como motivação para as relações adúlteras.

Essa afirmação teoria também é reforçada por Ingrid Stein (1984, p.58). Segundo ela, a motivação de *Dom Casmurro* não reside na condenação incisiva de sua personagem feminina como em *Madame Bovary* e *O primo Basílio*, mas na construção e perpetuação do sentimento de dúvida, além de existir uma “correspondência entre os romances de Machado e a realidade da época”.

### 3.2 Conhecendo Capitu

Passado mais de um século e até hoje nos perguntamos: Teria Capitu realmente traído Bentinho?

Embora existam pistas que denunciem o adultério como a semelhança entre o filho e o melhor amigo de sue marido, nada foi provado; há a hipótese de tudo não ter passado de uma “invenção” da cabeça de Bentinho.

Quem é Capitu? Como ela comporta-se diante da sociedade? Seria ela dissimulada, fria e calculista ou seria ela vítima dos pensamentos pecaminosos de seu marido? Antes de tentarmos esclarecer essa série de ideias e pensamentos, conheçamos um pouco de nossa personagem.

Francisco Pati (1958), em sua obra *Dicionário de Machado de Assis* nos descreve Capitu:

Capitu, filha do casal Pádua, tinha catorze anos era alta, forte e cheia; apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra, a moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e cumprido, tem a boca fina e o quico largo; as mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabão finos nem a água de toucador, mas com a água de poço e sabão comum trazi-as sem macula. Calcava sapatos de duraque rasos e velhos, a que ela mesma dera uns pontos. Olhos são assim de cigana, oblíqua e dissimulada, olhos de ressaca. (1958, p. 303).

A descrição do olhar de Capitu, “olhos de cigana” ou os “olhos de ressaca” é memorável. Sobre isso, Eugênio Gomes (1987), na sua obra *O enigma de Capitu*, procura demonstrar como Machado de Assis acreditava que o corpo expressava parte do caráter da pessoa, de um jeito que as expressões faciais, sobretudo o olhar, poderiam ser “lidos”. A teoria fisionômica de Lavater seria uma das principais fontes de inspiração de Machado:

A expressão: olhos de ressaca é apenas uma metáfora poética ou decorre também de um pensamento científico? Neste caso torna-se indispensável retroagir à fase já longínqua de impregnação da teoria fisionômica de Lavater, na ficção francesa do século XIX, principalmente em Balzac, que foi o primeiro romancista a explorar certas correspondências físicas e morais numa personalidade humana. (GOMES, p.98)

O autor do *Dicionário de Machado de Assis* usa outras palavras para descrever e explicar os olhos e a forma de olhar de Capitu:

Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro nos como a vaga que se retira da praia nos dias de ressaca. (PATI, 1958, p. 303).

A mulher da época de Realismo ia crescendo. O trecho a seguir revela uma Capitu dotada de muita sensualidade:

Capitu ia crescendo às carreiras, as formas arredondavam-se e avigoravam-se com grande intensidade; moralmente, a mesma coisa. Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça. Esse arvorecer era mais apressado, agora que eu a via de dias a dias; de cada vez que vinha a casa achava-a mais alta e mais cheia; os olhos pareciam ter outra reflexão, e a boca outro império. (PATI, 1958, p. 303).

Nesse trecho é possível observar que Capitu parece também mais instintiva, mais natural do que Bentinho; mas, enquanto ele fita as estrelas, ela conta as libras esterlinas.

Segundo Francisco Pati (1958), Capitu apresentava características únicas:

Tinha uma dúzia de gestos únicos na terra. Suas curiosidades eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. Gostava de dançar e enfeitava-se com amor quando ia a um baile. (p. 304).

O autor ainda revela outras características da personagem, além da sua trajetória na história:

Os braços eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade. Casou-se com Bentinho, o Dom Casmurro e tiveram um filho Ezequiel. No dia da morte de Escobar, amigo da casa, a confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, apaixonadamente tão fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas pouco calada. Momentos. Houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisessem tragar também o nadador da manhã. A semelhança de Ezequiel provoca a separação dos dois. (PATI, 1958, p. 304).

O trecho abaixo revela ainda alguns pensamentos do personagem que dá origem ao título da obra, *Dom Casmurro*:

Confiei a Deus minhas amarguras, disse-me Capitu ao voltar da igreja; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou a suas ordens. Os olhos com que me disse isto eram embaçados, como espreitando um gesto de recusa ou de espera. (ASSIS, 1974, p. 163).

Pati finaliza a descrição de Capitu informando que ela “foi para Suíça com o filho e lá morreu e está enterrada”, (1958, p. 304).

Capitu não pode ser considerada um exemplo de virtude, mas também não pode ser considerada antagonista de nossa história. Embora a personagem apresente sentimentos contraditórios como a ambição, e seu filho seja parecido com o melhor amigo de seu marido, nada comprova o seu “suposto adultério”.

A pergunta continua sem resposta, pois as únicas provas que temos para julgá-la são os ciúmes de seu marido.

Segundo Proença Filho (2009), Capitu, na visão de Bentinho, é a vítima escolhida como o bode expiatório de seus fracassos.

Capitu nessa hipótese é considerada nobre e seu silêncio contribui para a sua grandeza na história, superando até mesmo o protagonista, devido a sua força, diante as provocações do marido.

Como podemos observar nesse trecho de D, Casmurro:

Capitu era Capitu, isto é uma criatura mui particular, mais do que mulher, isto é uma criatura mui particular, mui particular, mais mulher do que eu que era homem. Se ainda não disse ou fica. Se disse fica também; Há conceitos inculcados na alma do leitor, força da repetição“. (ASSIS, 1974 ,p. 45).

### 3.3 Um conceito sobre o olhar em Capitu

Para a realização desse capítulo, nos baseamos no estudo das categorias narrativas e principalmente, em trabalhos críticos sobre a produção machadiana. Dentre eles, destaca-se *Machado de Assis: o enigma do olhar*, de Alfredo Bosi:

Olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de ponto de vista. O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo e passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento. (2000, p.10).

Ao lançarmos um olhar sobre as personagens femininas de Machado de Assis, podemos observar que elas não são dotadas apenas de beleza, mas de senti-

mentos, muitas vezes sujos, egoístas, frios e calculistas, porém mantendo a sensualidade e a astúcia.

Veremos que não serão observadas apenas as características físicas, mas as características da alma, ou seja, do interior, onde estão guardados os segredos de um sujeito e atribuídos em seu íntimo. A questão do olhar é atribuída a isso, ou seja, não observando apenas a “casca” ou “aparências”, mas o “conteúdo” um “todo”, o universo do ser.

Podemos notar que existe uma diferença na questão do “ver” e do “olhar”. Embora pareçam apresentar significados semelhantes. O “ver” nos remete ao simbólico, apenas ao exterior e retrata o mundo e o sujeito com uma determinada “superficialidade”, não penetrando no íntimo do indivíduo; já o olhar nos remete não apenas como dito anteriormente, mas a atribuições psicológicas do sujeito, deixadas através de pistas (enigmas), geralmente advindos de algum cálculo deixado pelo sujeito.

O olhar nos leva a analisar um sujeito ou uma personagem de um modo como ele nunca fora visto antes, onde através dele que penetraremos em suas ideias, seu modo de pensar, agir e interagir com o mundo.

Machado de Assis, ao criar suas personagens, atribuiu sua visão de mundo, não criando “personagens de gesso”, mas mulheres reais com desejos e necessidades reais, embora muitas vezes oculte o sofrimento em sua alma, no caso de Capitu.

Sérgio Cardoso (1989), em seu ensaio *O olhar viajante*, nos aponta a visão de Meaurly Pound entre a diferença entre o “ver” e o “olhar”:

O ver em geral, conota no vidente uma certa descrição e passividade ou menos alguma reserva nele um olho quase desatento, parece ligar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos que mesmo os olhos se enturvam e embaçam, concentrando a vida numa película lustrosa de superfície, para fazer-se como um espelho... como se renunciasse a sua própria espessura e profundidade para reproduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos. Com o olhar é diferente. Ele nos remete de imediato as atividades e virtudes do sujeito e atesta cada passo nesta ação a espessura de sua anterioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto e parece originar sempre da necessidade de “ver de novo” com o intuito de olhar para o bem. Por isso e sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor, como se interrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olhar para interrogar e iluminar as dobras da paisagem”. (CARDOSO, p.348).

Ao contrario do ver, o olhar não se conforma apenas com pistas, como em *Dom Casmurro*, por não apresentar provas suficientes, apenas insinuações, nada seu narrador conseguiu provar contra ela, apenas duvidas a ele ao leitor. O autor ainda revela que “o olhar pensa, provoca, nunca esta satisfeito, não se conforma com Lacunas vazias e a visão complementam e interrogam.” (CARDOSO, 1989, p.348).

Eugênio Gomes (1987) relata que, para Balzac, o olhar do sujeito está atribuído as características físicas, ou seja, através de traços como olhos ou expressões, podemos descobrir a essência atribuída a cada personagem, sobretudo no que se refere ao olhar, como o autor nos cita:

[...] com que o narrador descreve os olhos descreve os olhos de Capitu. Fri-se-se preliminarmente, que nesse romance os olhos das personagens atuam entre si quase de maneira estranha, quando não mesmo importuna como as armas de efeito a distancia: “só então senti que os olhos da prima Justina quando eu falava ,pareciam apalpar-me,ouvir-me,cheirar-me,gostarme, fazer o oficio de todos os sentidos. (GOMES, 1987,p. 99).

Ao apresentar-nos Capitu, Machado de Assis nos revela traços do universo feminino (psicologia) como, por exemplo, a arte de dissimular e sobressair em situações complicadas que se referem no modo de pensar e agir da personagem perante sua época presente:

[...] Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la ;o espaldar da cadeira era pra baixo.Inclinei-me sobre ela, rosto a rosto ,mas trocados,os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça ,podia ficar tonta,machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia;mas nem esta razão a moveu.  
- Levanta ,Capitu!  
Não quis,não levantou a cabeça e ficamos assim a olhar um para o outro,ate que ela abrochou os lábios ,eu descí os meus,e...grande foi a sensação do beijo;Capitu ergueu-se,rápida ,eu recuei ate a parede como uma espécie de vertigem ,sem fala,os olhos escuros. Quando eles me clarearam,vi que Capitu tinha os seus no chão. (ASSIS, 1974, p.49)

Embora Bentinho declare sua esposa culpada, ao mesmo tempo ele tenta induzir o leitor para sua inocência, conforme enfatiza Xavier, ao informar que ao mesmo tempo em que declara Capitu culpada, Bentinho tenta persuadir a si e ao leitor de sua inocência. Não constitui, porém a meta deste estudo proferir sobre o herói ou a heroína, mas especificamente o comportamento da mulher de Bentinho Santiago. “Apesar desse discurso parecer machista, o autor e sua Capitu não tiveram oportu-

nidade de se defender, sua postura não foi de uma re ,de uma mulher que se curva ou rasteja ao marido”, (XAVIER, 1986, p.43).

De acordo com o trecho que segue referente ao capítulo CXXXVIII, *Capitu que entra*: “podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada”. (ASSIS, 1974, p. 162). Segundo a autora, Capitu por não se rastejar, satisfazendo os caprichos do marido, ou seja, não respondendo a seus atos de loucura e ironia, revela-se superior a ele, como nos cita Xavier (1986, p. 43):

Investindo Capitu de uma personalidade forte e corajosa, retratando-a com as características de uma pessoa reflexiva, independente, por outro criando um Bentinho fraco, obediente e dependente de sua mãe a ele devotado, não estaria o autor invertendo os papéis ,dotando a heroína de atributos de femininos?

Para Ingrid Stein (1984), Capitu é uma das figuras machadianas que mais tem recebido atenção. Segundo a autora, a personagem possui um fascínio especial por manter seu enigma no ar. Capitu é uma mulher provida de ambiguidades, mistérios, criada intencionalmente pelo autor, para que nos leitores, tiremos nossas próprias conclusões, como nos cita a autora em sua obra:

Verdade e que Capitu entre todas as mulheres da obra de Machado, o fascínio especial de permanecer um enigma, isto e pela responsabilidade de deli-la e concretizá-la. Por mais que se procure aprendê-la, ela sempre escapa. O que não causara enquanto se considerava que num romance como diz Keith Elis, a ação fica em aberto e natural que também a personagem a ela “relativa permaneça em suspenso. (STEIN, 1984, p.105).

De acordo com Eugênio Gomes (1987), *Dom Casmurro* é uma obra cheia de controvérsias, onde personagens apresentam mistérios e semelhanças, no ponto de vista do autor definida como “uma confusão”, onde a história e contada por um marido tragado pelas garras do ciúme, que sente autopiedade de si, como o autor destaca:

O protagonista de D. Casmurro é um imaginativo em que o subjetivismo supera frequentemente a visão direta da realidade propriamente dita. É um flagrante muito expressivo dessa tendência e do momento em que Gurgel voltando-se para o local da sala onde havia um retrato de moca, perguntou a Bentinho se Capitu era parecida com a do retrato. A reação do adolescente revelava sua índole evasiva de um homem metido consigo mesmo (GOMES, 1987, p. 100).

Agora segue um trecho do capítulo LXXXIII, *O retrato*:

Um dos costumes da minha vida foi sempre com a opinião provável de meu interlocutor, desde que a matéria não me agrava, aborrece ou impõe. Antes de examinar se efetivamente Capitu era parecida com o retrato, fui respondendo que sim. Então ele me disse que era o retrato da mulher dele, e que as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa. Também achava que as afeições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Quanto ao gênio, era um, pareciam irmãs. (ASSIS, 1974, p. 112).

Capitu aqui é vista pelo autor como uma pessoa estranha, mas ao mesmo tempo fascinante, ao contrário do marido que era inseguro até de si mesmo. Alfredo Bosi, entrevista dada a revista TV Escola (2009), nos diz que definir um olhar sobre as personagens em Machado de Assis é “enigmático”, pois ele preocupa-se em demonstrar o lado social e ao mesmo tempo o íntimo do indivíduo.

Dessa forma desenvolvem-se personagens enigmáticas que compunham sua galeria, ou seja, Machado de Assis preocupava-se até em mostrar os detalhes mesquinhos, a necessidade de se formar perante a sociedade. Um exemplo é a personagem Virgília, de *Memórias Póstumas de Brás de Cubas*, que vive um romance “pecaminoso”, mas não abre mão de seu casamento de interesse com Lobos Neves, que lhe abriu as portas para a alta sociedade.

Segundo o autor:

Definir Machado de Assis é uma das maiores dificuldades da crítica, eu até o chamei de enigma, o modo como Machado olha suas criaturas. Ele é um escritor realista preocupado com as determinações sociais, isto é, as pessoas dentro de classes sociais [...] A minha idéia é de que o olhar seja circunspecto para todos os lados, como um círculo. A idéia de circunspeção aqui não quer dizer só de gravidade, seriedade, mas a capacidade de olhar todas as posições, então ele vê apenas aquelas personagens que são de fato típicas e que pertencem ao repertório da literatura realista, naturalista, e ele vai um pouco mais fundo, verificando como é que outras personagens reagem a própria situação social (...) (BOSI, 2009, p.1).

E ainda complementa:

[...] a visão de Machado de Assis é de quem olha de baixo para cima, então Ele vê os motivos mesquinhos das personagens, as necessidades das personagens mas isto não é a sua única forma de ver. Eu diria que a riqueza de Machado de Assis está em ver tanto o tipo como a riqueza pessoal, as diferenças que as personagens têm às vezes dentro da mesma classe. (...) (BOSI, 2009, p. 1)

Em relação à Capitu, nossa personagem estudada, ele a define como um grande mistério, que apesar de pistas deixadas pelo pseudo- autor da estória, nada fora comprovado apenas as acusações do marido de ser dissimulada e capaz, onde

por exemplo ,ajuda a fazer com que D. Glória desistisse da ideia de Bentinho ser padre. Para Bosi:

Então há de fato um drama aqui, um drama que termina com a acusação, a culpabilidade. Todos sabem que Machado deixou isso em suspenso e não se sabe se Capitu é culpada ou não, esse era um dos encantos do romance, porque aí o romance é sempre lido e relido com a preocupação contrariar as pistas. (BOSI, 2009, p. 6).

### 3.4 O olhar de Capitu perante os personagens da história

*Dom Casmurro* trata da polêmica do “suposto adultério”, narrado por seu protagonista, fixado em seu ciúme doentio por sua esposa.

Conforme relatado anteriormente, com o “olhar” podemos verificar o comportamento dos personagens. Um “olhar” revela muito sobre o caráter, o verdadeiro eu, as purezas e impurezas expressas no sentimento humano, além de transmitir os traços psicológicos como os sentimentos de Tio Cosme, que, segundo seu sobrinho Bento, descreve como olhos dorminhocos, revelando sua posição neutra, apenas desejando a felicidade de todos. Bentinho também descreve outras características do tio:

Nele era velho costume e necessidade. Já não dava para namoros. Contam que, em rapaz, foi aceito de muitas damas, além de partidário exaltado; mas os anos levaram-lhe o mais do ardor político e sexual, e a gordura acabou com o resto de idéias públicas e específicas. Agora só cumpria as obrigações do ofício e sem amor. Nas horas de lazer vivia olhando ou jogava. (ASSIS, 1974, p.14).

E assim outros olhares aparecem na trama. O olhar de prima Justina, por exemplo, a mostrava como uma mulher ciumenta intrigante e algumas vezes hipócrita. Mas vamos realmente ao nosso objeto de estudo: Capitu.

Para os autores estudados, nada ficou provado contra a moça, embora transparecesse dissimulação por parte dela, como as situações “do penteado” e “do muro”. Capitu é considerada uma moça “astuta”, pois se revelou importante na trama tal como o protagonista da obra.

Capitu era apenas uma moça avançada para sua época, considerada por muitos dessa maneira. Alguns críticos, como Alfredo Bosi, não possuem posições e

respostas definidas para as atitudes da personagem porque não existem provas suficientes que expliquem as atitudes, apenas o ciúme doentio do personagem Bento Santiago.

Como Capitu seria vista pela sociedade da época? Como ela seria vista pelos outros personagens da obra? Seria ela culpada ou inocente? Para alguns, dissimulada, para outros, inocente como um anjo e para alguns uma verdadeira ameaça para a concretização de determinadas ideias e ações.

Começaremos nossa análise por Dona Glória, mãe do protagonista. Uma jovem viúva abastada de Pedro de Albuquerque Santiago e dona de discreta beleza. Ao perder o 1º filho fez uma promessa de oferecer o segundo o Deus, caso vingasse. No início da trama, D. Glória não via o suposto namoro dos jovens com bons olhos, pois tinha a missão de enviar Bentinho ao seminário. Ao adoecer sua posição muda e começa a ver Capitu com bons olhos, como a filha que nunca teve. Essa posição é defendida no capítulo LXXX:

Sucedeu que a minha ausência foi logo temperada pela assiduidade de Capitu. Esta começou a fazer-se-lhe necessária. Pouco a pouco veio-lhe a persuasão de que a pequena me faria feliz. Então (é o final do ponto anunciá-lo), a esperança de que o nosso amor, tornando-me absolutamente incompatível com o seminário, me levasse a não ficar lá nem por Deus nem pelo Diabo, esta esperança íntima e secreta entrou a invadir o coração de minha mãe. (ASSIS, 1974, p. 105).

Em outra situação a realidade não é diferente:

Capitu era naturalmente o anjo da Escritura. A verdade é que minha mãe não podia tê-la agora longe de si. A afeição crescente era manifesta por atos extraordinários. Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites; lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando. Minha mãe apalpava-lhe o coração, revolvia-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambas como a senha da vida futura. (ASSIS, 1974, p. 105-106).

José Dias via a menina como uma ameaça e uma péssima influência para Bentinho, já que ela era muito esperta. Para o agregado da família de Bentinho, a menina tinha os olhos “dissimulados” e “oblíquos”. Sua opinião pode ser vista no capítulo XXV da obra (ASSIS, 1974, p.37): “Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação.”

Capitu primeiramente é vista como uma ameaça aos planos da mãe de Bentinho, já que conhecia suas proezas eram reconhecidas por ela. D. Glória enxergava Capitolina como uma pessoa egoísta e dissimulada, que seria capaz de tirar o jovem seminarista do destino que ela escolheu para o benefício do filho (e dela também). Capitu passaria facilmente por anjo se não fosse o seu olhar que revelara o seu caráter e suas mentiras.

Justina, prima de D. Glória, sempre fazia comentários maldosos, porém se manteve em posição neutra em relação ao “olhar” de Capitu, a única impressão que passa durante a trama é oposição ao casamento do jovem, conforme descreve Bentinho:

[..] não disse mal dela; ao contrário, insinuou-me que podia vir a ser uma moça bonita. [...] É certo que, após algum tempo, modificou os elogios a Capitu, e até lhe fez algumas críticas, disse-me que era um pouco trêfega e olhava por baixo; mas ainda assim, não creio que fossem ciúmes. Creio antes... sim... sim, creio isto. Creio que prima Justina achou no espetáculo das sensações alheias uma ressurreição vaga das próprias. (ASSIS, 1974, p.35-36).

Tio Cosme, irmão de Dona Glória, era advogado. Caracterizado por Bentinho como “gordo e pesado, tinha a respiração certa e olhos dorminhocos” (ASSIS, 1974, p.13). Segundo relator do narrador, Tio Cosme possuía posição neutra a Capitu, pois não se opunha ao romance dos jovens, porém não via Capitu como a moça que faria seu sobrinho e sua irmã feliz.

Ainda temos personagens que não viam maldade em Capitu, possuíam um olhar imparcial sobre a personagem e apenas enxergavam astúcia, coragem boa índole. Nesse caso se enquadra a personagem Sancha, amiga de Capitu dos tempos da escola; Escobar, amigo de Bentinho; e Ezequiel, seu filho.

O que sabemos é que Capitu era dona de si. Se descoberta em alguma situação constrangedora, dava um jeito de sair da circunstância para evitar os olhares alheios. Capitu sabia se desvencilhar dos maus momentos criando outras situações oportunas a ela.

Se analisarmos seu “olhar” e seu comportamento, poderíamos dizer que ela carregava consigo mesma um poder de persuasão fortíssimo.

Através de seus gestos carinhosos e graciosos, Capitu conquistava todos. Esse é o caso de José Dias, como podemos notar nessa breve passagem da obra:

Capitu quis que lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contara. Pedia o som das palavras. Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição. (ASSIS, 1974, p.45).

Bentinho ainda descreve alguns detalhes da personalidade de Capitu:

Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma. [...] Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. (ASSIS, 1974, p.45).

Em seus relatos, Bentinho revela duas coisas: primeiramente sua vida amargurada e insegura, segundo, sua paixão pela esposa.

Conforme já informado anteriormente, conhecemos Capitu pelas descrições feitas por Bentinho. Para ele de início, ela era como uma joia que entrou na sua vida. Ele admirava sua beleza e sua astúcia. Algumas vezes desejava ter a coragem da moça para enfrentar as barreiras que a vida lhe colocava, porém aprendeu com ela a arte da dissimulação, pois admirava a maneira que ela saía das situações imaginava não ter solução, como podemos observar no seguinte trecho do capítulo XV:

Era o pai de Capitu, que estava à porta dos fundos, ao pé da mulher. Soltamos as mãos depressa, e ficamos atrapalhados. Capitu foi ao muro, e, com o prego, disfarçadamente, apagou os nossos nomes escritos.  
 — Capitu!  
 — Papai!  
 — Não me estragues o reboco do muro.  
 Capitu riscava sobre o riscado, para apagar bem o escrito. Pádua saiu ao quintal, a ver o que era, mas já a filha tinha começado outra coisa, um perfil, que disse ser o retrato dele, e tanto podia ser dele como da mãe; fê-lo rir, era o essencial. (ASSIS, 1974, p. 24-25).

Desde pequena, Capitu possuía atitudes inesperadas, cheias de ambiguidades e contradições. Estava refletindo com frequência e sempre antes de tomar alguma decisão ela pensava, estudava as consequências e as razões que causaria nas pessoas. Era dessa forma que Bentinho conduzia-se pelas ideias de Capitu.

Bentinho se deixa levar nas mãos das outras personagens do romance. Sua mãe o usa para pagar sua promessa; Capitu, para ascensão social por meio do matrimônio, (uma das únicas formas de uma mulher obter ascensão social naquele tempo); e o agregado José Dias, para manter sua posição de agregado. Capitu, por outro lado, é quase o oposto de Bentinho, usa de todos os artifícios para conseguir seu objetivo, o matrimônio.

Em *Dom Casmurro* as personagens são retratadas através de um longo período de anos. Na narrativa de Bentinho podemos observar de forma nítida a permanência do caráter das personagens. Nos romances machadianos o que se encontra de forma nítida é a que o caráter não se altera ao longo da vida. Eis as palavras de Bento Santiago:

O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 1974, p.170-171).

O questionamento do ex-seminarista poderia ser questionado da seguinte maneira: a malícia e a dissimulação de Capitu características da sua personalidade desde criança ou foram aprendidas com o passar do tempo? A última hipótese é explicitamente rejeitada pelo narrador e protagonista da obra.

Aos olhos de Bentinho, Capitu é mulher cuja honra e confiança devem ser postas à prova. Vejamos um trecho do capítulo LXV, intitulado *A dissimulação*, o qual apresenta algumas atitudes de Capitu, lembradas por Bentinho:

Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gozar toda a liberdade anterior, e construir tranquilos o nosso futuro. Mas o exemplo completa-se com o que ouvi no dia seguinte, ao almoço; minha mãe, dizendo tio Cosme que ainda queria ver com que mão havia eu de abençoar o povo à missa, contou que, dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: "Pois a mim quem me há de casar há de ser o Padre Bentinho; eu espero que ele se ordene!" Tio Cosme riu da graça, José Dias não dessorriu, só prima Justina é que franziu a testa, e olhou para mim interrogativamente. Eu, que havia olhado para todos, não pude resistir ao gesto da prima, e tratei de comer. Mas comi mal; estava tão contente com aquela grande dissimulação de Capitu que não vi mais nada, e, logo que almocei, corri a referir-lhe a conversa e a louvar-lhe a astúcia. Capitu sorriu de agradecida.

— Você tem razão, Capitu, concluí eu; vamos enganar toda esta gente.

— Não é? disse ela com ingenuidade. (ASSIS, 1974, p. 89-90).

Ao longo do seu relacionamento com Capitu, Bentinho enfrenta o ciúme. Depois que resolveu sua situação com o seminário, Bentinho depara-se com seu ciúme doentio por Capitu. Dizia que Capitu tinha "olhos de ressaca", pois esses eram comparados ao mar, ou seja, como o mar que atrai as pessoas pelo seu movimento, o olhar de Capitu o atraía. Seus movimentos, suas atitudes para a época prendiam a atenção de quem os observava.

Embora já tivesse apresentado ciúmes antes mesmo do seu casamento e no olhar de sua esposa, Bentinho passou a desconfiar da amada após o enterro de Escobar. Segundo Bentinho, Capitu olhou o falecido de maneira estranha e ficou tão fixa que nem a viúva, com todo o seu desespero, olhava para o marido:

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 1974, 149-150).

A partir dessa cena descrita, Bentinho passa a prestar atenção no comportamento de sua esposa e nas atitudes do filho, que a cada dia estava mais parecido com seu amigo falecido. Dessa forma, Bento quase criou um transtorno obsessivo ao redor dos seus.

Os sentimentos e os ciúmes de Bentinho falaram mais alto e assim, na sua mente, sua esposa amada passou a se transformar numa mulher perversa, falsa e sem escrúpulos. Capitu não escapou das acusações e dos sentimentos de pose do seu marido. Ela permanecia em silêncio, revelando um caráter e dignidade, como destacado neste trecho do capítulo CXXXII:

O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios, não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira. Mas o principal irá. E o principal é que os nossos temporais eram agora contínuos e terríveis. Antes de descoberta aquela má terra da verdade, tivemos outros de pouca dura; não tardava que o céu se fizesse azul, o sol claro e o mar chão, por onde abríamos novamente as velas que nos levavam às ilhas e costas mais belas do universo, até que outro pé de vento desbaratava tudo, e nós, postos à capa, esperávamos outra bonança, que não era tardia nem dúbia, antes total, próxima e firme.

Releva-me estas metáforas; cheiram ao mar e à maré que deram morte ao meu amigo e comborço Escobar. Cheiram também aos olhos de ressaca de Capitu. Assim, posto sempre fosse homem de terra, conto aquela parte da minha vida, como um marujo contaria o seu naufrágio. (ASSIS, 1974, p. 156-157).

À medida que os dias vão passando, a convivência do casal vai piorando, pois Bentinho passa a alimentar a ilusão de que seria melhor morrer a passar o resto

dos dias acreditando que Ezequiel não era seu filho, mas filho de Escobar (ASSIS, 1974, p. 157): “Já entre nós só faltava dizer a palavra última; nós a líamos, porém, nos olhos um do outro, vibrante e decisiva, e sempre que Ezequiel vinha para nós não fazia mais que separar-nos.”.

Se analisarmos a narrativa de Bento, veremos que ele nunca proporcionou a Capitu a voz no romance. Ela só é julgada por ele. Observa-se que a história é narrada pelo próprio personagem principal, sendo os fatos apresentados ao leitor a partir de um único ponto de vista, através de um narrador que está se valendo da capacidade de sua memória para contar o que se passou (uma vez que ele está narrando fatos já passados).

Podemos observar que a história é descrita pelos olhos de Bentinho, mas não podemos nos esquecer que o nosso anti-herói também teve seus momentos de sensações diferentes. Esse momento está relacionado ao capítulo CXVIII, *A mão de Sancha*, na ocasião em que pegou na mão de Sancha, viúva de Escobar e que teve sensações pecaminosas e procura em seus olhos: “Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer que eu, graças às relações dela e Capitu, não se me daria beijá-la na testa.” (ASSIS, 1974, 145).

Foi nesse momento que os fatos se inverteram. *Dom Casmurro* denuncia-se ao relatar que sentiu prazer e delícia ao apertar a mão da viúva do seu amigo. Contudo, Bentinho é tão ligado a Capitu que se perturba ao lembrar o acontecimento. Desse modo ele tenta nos desviar a atenção para que o leitor se foque em Capitu.

Capitu sofre com as indagações do seu marido. Porém, não se defende, apenas permanece em silêncio, o qual revela a nobreza de sentimentos:

Desta vez, ao dar com ela, não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida. Seguiu-se um daqueles silêncios, a que, sem mentir, se pode chamar de um século, tal é a extensão do tempo nas grandes crises. Capitu recompôs-se; disse ao filho que se fosse embora, e pediu-me que lhe explicasse... (ASSIS, 1974, p.161).

E afinal, a que conclusão chegamos? Bentinho amava ou não amava Capitu? Capitu, apesar de dissimulada e até mesmo fingida, principalmente nos últimos tempos, nunca foi esquecida por Bentinho. Por fim, ele nos mostra que o ciúmes pode ser encarado como um veneno que envenena a alma e o coração, (ASSIS, 1974, p.170): “Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a pri-

meira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada.”.

E ainda aconselha seus leitores de forma indireta:

Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 1974, p.170-171).

O romance *Dom Casmurro* termina com uma dúvida que permanece mesmo após 100 anos de sua publicação. O segredo de Capitu é algo que até hoje não foi descoberto. Certo é que Bentinho permanece ao longo do romance dotado de desconfiança e de certos traços imutáveis na sua personalidade como a sua imaginação fértil, o ciúme sem cabresto, a covardia.

Os traços da personalidade de Bentinho também contribuem para que o leitor acompanhe de forma atenta a leitura da obra e fique com a “pulga atrás da orelha”. Seria Capitu uma traidora? O resultado de todas essas características e dúvidas de Bentinho é que fazem dele um ingênuo ex-seminarista, que pouco a pouco, ao longo da obra, vem a se tornar um poço de casmurrice, ou melhor, Dom Casmurro.

## 4 COMPARANDO AS PERSONAGENS CAPITU E VIRGÍLIA

Esse capítulo é dedicado a apresentação de uma outra importante personagem da literatura machadiana: Virgília. Após sua apresentação e caracterização a compararemos com Capitu.

Os critérios para o estudo das personagens foram embasados nos parâmetros de observação das personagens femininas dos romances machadianos utilizados por Ingrid Stein, no livro *Figuras femininas em Machado de Assis*, e por Therezinha Mucci Xavier, no livro *A personagem feminina do romance de Machado de Assis*.

### 4.1 Quem é Virgília?

*Memórias Póstumas de Brás Cubas* é a obra inaugural da fase realista de Machado de Assis. É narrada em primeira pessoa pelo personagem principal, que depois de morto resolve contar sua vida, já que depois de falecido nada mais pode ser feito contra ele.

Nessa obra o narrador-personagem conta sobre os seus amores durante a juventude. Um dos seus amores foi Marcela, mas durou pouco tempo. O narrador também relata sua vida ligada à política, sua amizade com o filósofo Quincas Borba o seu caso com Virgília, sua ex-noiva e atual mulher de do político Lobo Neves.

Brás Cubas conheceu Marcela aos dezessete anos. Durante uma viagem para cursar a faculdade, Brás esquece Marcela. Algum tempo depois, já formado, volta ao Rio de Janeiro devido a morte da sua mãe. Ao voltar pra casa recebe a visita do

seu pai, que lhe dá duas notícias: a que seria deputado e um casamento arranjado com a filha de Dutra, Virgília.

Brás Cubas aceitou a condição de que não permanecesse obrigado a cumprila se não se acostumasse com a moça. Porém, Lobo Neves aparece para estragar seus planos e se interessa por Virgília.

Virgília, filha do comendador Dutra, denominada, segundo o pai de Brás, Bento Cubas, a “Ursa Maior”. Durante o decorrer da obra Virgília se torna amante de Brás Cubas casa-se com Lobo Neves por interesse. Mulher bonita, ambiciosa, que parece gostar sinceramente de Brás Cubas, mas jamais se revela disposta a romper com sua posição social ou dispensar o conforto e o reconhecimento da sociedade.

Virgília possuía o sonho de se tornar Marquesa. Dessa maneira, deixa a ambição tomar conta de si e se casa com Lobo Neves.

Machado nos apresenta a personagem Virgília como uma mulher pretensiosa, ambiciosa, sem instrução, dissimulada, criada no meio burguês. A maneira de se relacionar com as pessoas que a cercam está ligada a sua formação essencial que incluía as mulheres da época do segundo império. Virgília também era definida como formosa, possuidora de uma voz doce. Para ela a posição social era mais importante do que qualquer sentimento.

A primeira noiva de Brás Cubas que, no entanto, casa-se com Lobo Neves. Era filha do Conselheiro Dutra, de quem Brás Cubas se aproxima por interesses políticos. Tendo-o deixado por Lobo Neves, deixa transparecer seu caráter fraco e interesseiro (o casamento com Neves realizou se por interesse; não por amor).

O pai de Brás morre e assim ele permanece como deputado no Rio de Janeiro. Nesse tempo, Virgília volta ao Rio de Janeiro e, casada, vai ao teatro com o marido, onde encontra Brás. Em meio à troca de olhares, surge um louco amor entre eles. Nessa mesma época Brás reencontra seu amigo Quincas, mendigo que lhe rouba um relógio.

Brás Cubas não perde totalmente Virgília; ela se torna sua amante. Virgília e Brás mantêm um caso, porém ela sofre com a possibilidade de que o marido descubra seu envolvimento com Brás. Os encontros se dão com o apoio de D. Plácida, que se deixou corromper pelo dinheiro de Brás.

O triângulo amoroso Brás Cubas x Virgília x Lobo Neves dá ao romance momentos de tensão, humor e ceticismo. Quando Brás sugere que fujam do Rio de Janeiro para viverem o amor, Virgília não aceita ele conclui que é impossível separar as duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o amor e a consideração pública.

Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. É possível observar, mais uma vez, a ambigüidade do caráter da personagem: Virgília não poderia viver sem o amor de Brás Cubas, é verdade, mas a consideração pública era tão valiosa quanto os seus sentimentos

Virgília possui características únicas: se alguém lhe desse um elogio, para ela era perfeitamente comum, mesmo após seu casamento. Era capaz de ir mais fundo em um relacionamento extraconjugal, como o que teve com Brás Cubas, desde que não afetasse sua posição social.

Virgília era ambígua e falsa, ambígua porque sentia duplo sentimento, apaixonada por Brás Cubas, mas amava seu marido, ou as mordomias que ele dava. Falsa porque sabia usar o fingimento para ganhar o que queria.

Brás Cubas, anti-herói, foi parte de um casamento burguês ao estilo e com rastos do realismo *bovarista*. A dama, sem pudores, optou pelo status social sem deixar de se entregar aos eflúvios da carne e do ócio:

[...] bonita, fresca, saída das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, – devoção, ou talvez medo; creio que medo. (ASSIS, 1997, p.74).

Para a abordagem do tema do amor em Machado de Assis é imprescindível o capítulo LXVII – *A casinha*. O início do capítulo mostra a desconfiança de Lobo Neves acerca do romance entre Virgília e Brás Cubas. Ela envia ao amante uma caixa de charutos, com fita cor-de-rosa e um bilhete, avisando a ele sobre as suspeitas do marido. A partir daí, desvela-se a ambição de Virgília, para quem, sem dúvida, a posição social vale tanto quanto qualquer sentimento pelo protagonista:

- O melhor é fugirmos, insinuei.
- Nunca, respondeu ela abanando a cabeça.

Vi que era impossível separar duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dous dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá lá; arranжемos a casinha. (ASSIS, 1997, p. 130).

Brás, por sua vez, diante da tomada de consciência (mais uma vez) de seu valor para Virgília, sente apenas um rápido despeito, o que indica que, para ele, não fazia tanta diferença assim. O jogo das conveniências é muito mais importante que o amor que possa haver entre as personagens em questão.

Lobo Neves, marido de Virgília aguarda sua nomeação para presidente da província e convida Brás Cubas para ser seu secretário. Este reluta em aceitar.

Lobo Neves é indicado para a presidência, mas recusa o cargo. Enquanto isso o caso de Virgília e Brás ficava mais intenso, até que um determinado dia Lobo Neves recebe uma carta anônima, denunciando o romance.

No entanto os encontros amorosos do jovem casal continuam e certo dia Virgília é surpreendida pelo marido na casinha. Ela diz que estava esperando por ele.

Certo tempo depois Brás Cubas pensa em se casar. Lobo Neves é nomeado presidente da república e vão embora. Virgília e Brás separam-se por dois anos.

A irmã de Brás tenta casá-lo com Nha Loló. No entanto ela morre aos 19 anos de febre amarela. Brás Cubas torna-se deputado, atuando ao lado de Lobo Neves. Em 1855, Brás Cubas encontra Virgília, num baile. Ele a acha magnífica, mas nada mais ocorre entre eles.

Ao chegar aos 50 anos, Brás Cubas perde o interesse pela vida, que é o amor. Lobo Neves morre, na iminência de ser ministro. Brás Cubas vai-lhe ao enterro e vê que Virgília chorava “lágrimas verdadeiras”.

## **4.2 Virgília x Capitu**

Machado de Assis criou suas personagens femininas realistas cheias de defeitos e ao mesmo tempo com virtudes. Mulheres comuns na nossa sociedade, para relatar sua condição perante ela ao longo do século XIX.

Ingrid Stein destaca que o casamento na segunda metade do século XIX representava a maior aspiração para a maioria das moças, já que era a única chance de obtenção de um *status* social mais elevado.

A mulher do século XIX assim como as mulheres atuais eram dotadas de desejos, cheias de sonhos, porém não eram felizes em suas realizações. Submetiam-se ao casamento “de mentira”, em que muitas vezes não tinha amor, apenas ilusões, interesses e até mesmo contatos. Eram prisioneiras dentro de si mesmas e de uma sociedade cheia de regras.

Therezinha Mucci Xavier esclarece que os principais atributos do papel feminino que predominaram no século XIX foram a passividade, a dependência e a emocionalidade:

No que se refere aos parâmetros exigidos como ideais para a mulher tradicional (...) ressalta o amor, o casamento, a virgindade, a modéstia, a submissão voluntária. Esses foram os valores que a civilização liberal cristã-burguesa ofereceu à mulher. (1986, p. 31).

As personagens apresentadas aqui, apesar das diferenças entre elas, são mulheres que se destacavam por não ficarem apenas no sonho, por irem atrás de seus objetivos, embora cada uma tivesse um diferente.

A primeira personagem aqui vista é Capitu, conhecida ao longo desse breve estudo. Walkíria Ojeda, em sua monografia, *As personagens femininas de Machado de Assis*, nos define Capitu:

De origem humilde, pouca instrução, dedicada às prendas domésticas, trabalhos manuais e a tocar piano, era uma mulher pouco educada para a época. Vizinha e namorada de Bentinho, moço de família abastada, desfrutava o privilégio de ocupar os livros, o piano..., tudo que apreciava na casa. Contudo, isso não lhe garantia um futuro feliz. Como todas as outras mulheres, o casamento era para Capitu a alternativa para uma vida melhor, dada à rigidez dos costumes da época. Sua formação moral parecia estar ligada a sua posição social feminina. Seu comportamento estava sempre dirigido a encontrar objetivos. Parecia saber aquilo que queria?. (OJEDA, 2001, p.18)

Capitu é vista por alguns de nós como uma pessoa dissimulada, mas não podemos julgá-la, pois não temos provas contra ela. Ao contrário, temos algumas qualidades como sua astúcia, coragem para enfrentar determinadas situações e para correr atrás dos seus sonhos. Há quem diga que ela gostava de provocar Bentinho para testá-lo, testar seus ciúmes e ações.

Capitu possuía um fascínio que encantava as pessoas. Por isso Bentinho a denominava “olhos de ressaca”, tal como o mar que atrai com o vaivém das suas ondas. Aonde Capitu chegava, conquistava os olhares, não apenas por sua beleza, mas por sua genialidade e procurava ser amável com todos. Assim, apesar de sua dissimulação e mentiras, não podemos condená-la.

Outra personagem que pertence à fase realista e que luta por seus objetivos é Virgília, da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Em *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado trabalhou um dos valores mais universais da realidade humana: a relação amorosa que faz o elo entre um homem e uma mulher. Além disso, ele acentua amargura e ressentimento em *Dom Casmurro*, complacência e compreensão em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, diante da violação da questão moral que guia a história.

Tanto Capitu quanto Virgília eram pessoas de origem humilde, que tinham sonhos de ter um bom casamento, uma vida melhor. Possuíam a capacidade de dissimular, eram donas de si e sabiam enfrentar as situações de forma tranqüila, com exceção dos relatos abaixo:

Na cena “do muro”, em *Dom Casmurro*, Capitu ao ouvir seu pai chamando, muda o desenho do muro onde estava escrevendo as suas iniciais e de Bentinho. Para Virgília, o capítulo em que ao ver Lobo Neves chegando ao “ninho de amor” dela e de Brás Cubas, é um dos que surpreendem por seu modo de agir.

Qual a diferença entre Capitu e Virgília? Virgília era uma mulher que apesar de lutar por uma boa posição social, mantinha classe. Traia abertamente o esposo e que, segundo alguns acreditam, essa traição era vista como uma coisa involuntária a sua vontade.

Assim como Capitu, Virgília possuía enorme facilidade em dissimular, sempre se mostrava calma e desembaraçada em qualquer situação.

Porém, a respeito de Capitu, apesar de seu filho e segundo narrativas do seu marido, apresenta afinidades com o melhor amigo do esposo, mas nada fora provado.

A maior semelhança entre as duas personagens é que as ambas eram consideradas “mulheres avançadas” para sua época e que lutavam por seus direitos. Tal-

vez esse seja o maior encantamento das personagens femininas machadianas, além de serem fascinantes e possuir a “liberdade de expressão feminina”, reconhecida através de suas atitudes, gestos e principalmente do “olhar”.

## 5 CONCLUSÃO

O “ver” nos remete ao superficial, apenas aquilo que poderíamos chamar de “casca”, apenas ao supérfluo, a aparência externa do indivíduo não está fundamentada no seu verdadeiro eu. O “olhar” penetra nos segredos mais íntimos e profundos do ser humano.

É por meio do “olhar” que conseguimos ir ao fundo da alma, estudar os objetivos e desejos de cada personagem e conhecer os sentimentos expressos em sua mente. Dessa forma, conhecemos também o seu caráter e até passamos a compreender melhor o seu mundo e a sua realidade.

Machado de Assis nos privilegia de lançarmos um olhar sobre seus personagens, sobretudo, personagens do universo feminino, do qual passamos a conhecer desde a cor do seu cabelo até mesmo o segredo mais íntimo que cada personagem possui dentro de si próprio.

O autor, por meio de seu narrador em primeira pessoa, não narra para explicar um caso de adultério, o qual criou Capitu, nosso objeto estudo, mas, para evidenciar outros temas, como o ciúme ou a contradição entre aparência e realidade. Tal como Flaubert na também obra realista *Madame Bovary*, Machado de Assis apresenta em *Dom Casmurro* a leitura do mundo como um paradoxo sem solução, em cujo contexto o enigma de Capitu está posto para não ser resolvido.

Essa fórmula funcionou, pois muito já foi tratado nesses mais de cem anos, mas o enigma de Capitu permanece.

Capitu era “olhada” por alguns personagens e até por críticos como uma pessoa dissimulada, ambiciosa, com um grande poder de persuasão, porém não pode ser considerada má, pois tratava a todos com doçura e nada fora provado contra.

*Dom Casmurro* foi publicado em 1900 - período em que o país era governado por oligarquias e a sociedade refletia as incoerências de uma democracia ilusória. Agora imaginem a Capitu dessa época, uma mulher que, em meio a uma sociedade de valores falidos, em que a liberdade da mulher pouco era cogitada, se mostra determinada e não submissa às vontades de seu marido.

Se essa história fosse escrita hoje, não seriam necessárias grandes análises. Seria mais simples concluir que *Dom Casmurro*, com certeza uma obra menos reconhecida, nada mais seria que uma narrativa afirmativa, diante da qual ninguém ficaria com nenhuma dúvida: Capitu uma adúltera, Bentinho um tolo e Escobar seria mais que um fantasma nas lembranças do protagonista dessa história.

As personagens criadas por Machado de Assis na fase realista não podem ser consideradas heroínas, mas mulheres dotadas de sentimentos contraditórios, ou seja, são vistas como vaidosas, gananciosas e dissimuladas, como é o caso de Capitu e também de Virgília.

Tanto Capitu como Virgília vinham de condições humildes, ou seja, tinham condições financeiras inferiores as condições dos seus maridos. Lutavam para manter-se perante uma sociedade cheia de preconceitos.

Capitu e Virgília possuíam a facilidade de sobressair-se em situações embaraçosas e ao mesmo tempo eram criaturas dóceis, tanto é que mantinham a calma acima de tudo. Por pensarem de maneira diferente eram encaradas pela sociedade como pessoas avançadas.

Pati (1958) nos definiu a jovem Capitu como uma moça bonita, inteligente e dissimulada. Ele descreve Virgília como uma mulher elegante, faceira, ignorante, cheia de medos, preguiça e alguma devoção, que poderia ser confundido com medo, talvez.

Alfredo Bosi (2009) declarou que Capitu é o grande mistério de Machado, pois até hoje não sabemos se ela realmente traiu ou não Bentinho ou se isso seria apenas invenção da cabeça do seu marido.

Francisco Pati (1958, p.19) declara: "Machado de Assis vê-se a si mesmo através dos homens e das mulheres que registrou em contos e romances". E ainda revela que:

[..] os olhos de Capitu, os braços de Severina, o desejo insatisfeito de Conceição, a timidez de Nogueira, a voracidade voluptuosa de Inácio, o constrangimento de Bentinho uns e outros, são mais do que simples anotações psicológicas, são a “carne e osso”.

Essa análise realizada de Capitu pode nos mostrar que com *Dom Casmurro*, mais uma vez, *O Bruxo do Cosme Velho*, como o denominou Carlos Drummond de Andrade, refletiu sobre as íntimas relações dos seres, consigo mesmos e com a sociedade, não só da época, mas da atual também.

Ao concluir esse estudo, voltamos à questão: Capitu traiu ou não Bentinho? Agora que já a conhecemos, a resposta fica ao cargo da nossa imaginação, de acordo com o “olhar” que lançamos sobre ela.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1974.

\_\_\_\_\_. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1997.

BOSI, A. A máscara e a fenda. In: \_\_\_\_\_. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Entrevista para TV Escola (MEC)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/Revisao-T.Machado-Alfredo%20Bosi.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2009.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante, do etnólogo. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOMES, Eugênio. **O enigma de Capitu**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Machado de Assis** (Coleção Literatura Comentada). São Paulo: Abril Educação, 1980.

OJEDA, Walkíria Tomazia Ribeiro. **As personagens femininas de Machado de Assis**. Trabalho de Conclusão – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2001.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. **A poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Annablume, 1996.

PATI, Francisco. **Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens**. São Paulo: Rede Latina, 1958.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PROENÇA FILHO, Domicio. **Depoimento sobre Machado de Assis**. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=72&sid=21&UserActiveTemplate=machadodeassis](http://www.machadodeassis.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=72&sid=21&UserActiveTemplate=machadodeassis)>. Acesso em: 09 mai. 2009.

RANGEL, Maria Lucia Silveira. **As Personagens Femininas em Machado de Assis**. *LB – Revista Literária Brasileira*. São Paulo: 2000. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=53&rv=Literatura>>. Acesso em: 16 set. 2009.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem feminina no romance de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.